

V, Z

vagueza As línguas naturais contêm palavras (habitualmente, PREDICADOS, denotando PROPRIEDADES ou RELAÇÕES) cujo domínio de aplicação é parcialmente indeterminado, isto é, em relação às quais quem fala competentemente essas línguas não tem a certeza em todos os casos se um certo OBJECTO (ou PAR ORDENADO de objectos) pertence ao conjunto denotado por elas (ou à relação). Exemplos são «alto», «competente», «careca», «vermelho» ou «perto (de)». A presença destes predicados torna as línguas naturais geradoras de inconsistências, pelo menos se se aceitar o princípio do TERCEIRO EXCLUÍDO e a BIVALÊNCIA; além disso, eles são notórios por gerarem também o paradoxo SORITES. Uma maneira de resolver o primeiro tipo de problema é rejeitar os referidos princípios (o que implica rejeitar a lógica clássica de primeira ordem; esta solução está associada à construção de sistemas de LÓGICA POLIVALENTE); e entre as soluções tradicionais para o segundo conta-se a técnica das sobreatribuições (*supervaluations*) ou, alternativamente, a adopção de lógicas difusas (*ver* LÓGICAS NÃO CLÁSSICAS). Outra solução possível do paradoxo consiste em aproveitar a distinção de Strawson entre FRASES (*sentences*) e ASSERÇÕES de frases (*statements*) (*ver* PRESSUPOSIÇÃO) para dizer que os princípios da lógica clássica apenas se aplicam às segundas, sendo que as frases que (por conterem predicados vagos) não têm um valor de verdade determinado não fazem nenhuma asserção — uma tese muitíssimo contra-intuitiva. Ainda outra solução, de inspiração fregeana (e a mais conservadora), é a de que os princípios da lógica apenas se aplicam a linguagens ideais, destituídas de

predicados vagos e portanto depuradas de indeterminação e de inconsistência e não às linguagens naturais (*ver* FILOSOFIA DA LINGUAGEM COMUM). Uma solução polémica, defendida em Williamson (1994), consiste em dizer que a indeterminação associada às frases com predicados vagos resulta não de qualquer indeterminação no mundo que o nosso conhecimento acerca dele e a linguagem que usamos para falar dele apenas reflectam, mas antes da nossa incapacidade cognitiva para saber quando é que tais predicados têm ou não têm aplicação. Isto implica que, quando vemos uma mesa acerca da qual temos dúvidas se é vermelha, se pudéssemos saber mais acerca da mesa ou do domínio de aplicação do predicado «vermelho», seríamos capazes de decidir o valor de verdade de «A mesa é vermelha».

Este tipo de discussão é específica dos problemas postos pelos predicados vagos na acepção mencionada do termo e não se aplica a outros tipos de indeterminação ocorrente nas línguas naturais, como aquelas advindas da AMBIGUIDADE ou do uso de formulações demasiado pouco informativas para o que seria conversacionalmente apropriado (*ver* MÁXIMAS CONVERSACIONAIS), como quando se responde «alguns estudantes faltaram» em resposta à pergunta «quantos estudantes faltaram?». *Ver também* AMBIGUIDADE; BIVALÊNCIA; FILOSOFIA DA LINGUAGEM COMUM; LÓGICA; LÓGICAS NÃO CLÁSSICAS; LÓGICAS POLIVALENTES; TERCEIRO EXCLUÍDO, PRINCÍPIO DO; SORITES. PS

Burns, C. 1991. *Vagueness*. Dordrecht: Kluwer.

Williamson, T. 1994. *Vagueness*. Londres: Routledge.